

A seleção brasileira na Copa América Centenário: crônicas de uma derrota anunciada

La selección brasileña en la Copa América Centenario: crónicas de una derrota anunciada

The Brazilian team in the Copa América Centenário: chronicles of an announced defeat

Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo¹

Universidade Candido Mendes, Brasil

Édison Gastaldo²

Centro de Estudos de Pessoal - Forte Duque de Caixas, Brasil

Ronaldo Helal³

Universidade Estadual de Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

Neste artigo, exploramos as representações sociais da identidade nacional brasileira expressas na cobertura jornalística da participação da seleção brasileira na Copa América Centenário, competição internacional de futebol realizada entre 3 e 26 de junho de 2016 nos Estados Unidos. A partir de análise das coberturas dos jogos ao vivo pela televisão, bem como de comentários na imprensa escrita, são evidenciadas estratégias discursivas de construção de narrativas destinadas a, face à derrota ainda na primeira fase, preservar a idealização de um selecionado nacional muito distante do efetivo desempenho em campo.

Palavras-chave: Futebol; identidade nacional; representação social.

Resumen

En este artículo, exploramos las representaciones sociales de la identidad nacional brasileña expresadas en la cobertura periodística de la participación de la selección brasileña en la Copa América Centenario, competencia internacional de fútbol realizada entre el 3 y el 26 de junio de 2016 en Estados Unidos. A partir de análisis de las coberturas de los juegos en vivo por la televisión, así como de comentarios en la prensa escrita, se evidencian estrategias discursivas de construcción de narrativas destinadas a, frente a la derrota aún en la primera fase, preservar la idealización de un seleccionado nacional muy distante rendimiento efectivo en el campo.

Palabras clave: Fútbol; identidad nacional; representación social.

1 Doutorado em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil(2016), Professor da Universidade Candido Mendes , Brasil Correo electrónico: alvarodocabo@yahoo.com.br

2 Doutorado em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil(2000),Professor Adjunto do Centro de Estudos de Pessoal - Forte Duque de Caixas , Brasil Correo electrónico: edisongastaldo@yahoo.com.br

3 Doutorado em Sociologia pela New York University, Estados Unidos(1994), Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro , Brasil Correo electrónico: rhelal@globocom

Abstract

In this paper, we wish to explore the social representations of Brazilian national identity on the media coverage of the participation of the Brazilian national team on the America Cup Centennial Edition, international soccer competition that took place between 3rd to 26th of June, 2016 in the United States. Analyzing live broadcasting of the matches, as well as comments on newspapers, we explore the discursive strategies for the construction of narratives in which – given the elimination of the Brazilian team on the first round of competition – the idealization of the Brazilian team is preserved even if its real counterpart is quite far from ideal.

Keywords: Soccer; national identity; social representation.

Recibido: noviembre 16 de 2016.

Aceptado: diciembre 2 de 2016.

Introdução

Este artigo tem por objetivo explorar as representações sociais da identidade nacional brasileira no discurso midiático. Para isso, analisamos as transmissões televisivas dos jogos da seleção brasileira na Copa América Centenário, competição internacional de futebol que ocorreu entre 3 e 26 de junho de 2016 nos Estados Unidos. A participação da seleção brasileira nesta competição foi bastante abaixo do esperado para uma equipe com sua tradição, tendo sido eliminada ainda na primeira fase, após um empate em 0 x 0 com o Equador, vitória por 7 x 1 contra o Haiti e derrota por 1 x 0 contra o Peru.

Este trabalho se articula com um projeto de investigação internacional mais amplo sobre a Copa América Centenário, sob a coordenação geral de David Quitián Roldán, com a participação de investigadores de mais de uma dezena de países. Após uma breve revisão sobre a noção de representação social e sobre a construção discursiva da identidade nacional através do futebol, apresentaremos elementos de nossa metodologia e analisaremos os discursos midiáticos a respeito do desempenho brasileiro nesta competição.

Representações sociais e identidade nacional no Brasil

É interessante pensar um pouco sobre a noção de representação, pois as representações sociais veiculadas nos discursos midiáticos desempenham uma parte importante, se não a mais relevante, na relação entre comunicação de massa e sociedade. No caso brasileiro, muito do que concebemos em nossa cultura como sendo “tipicamente brasileiro” é o resultado de um regime de representações sociais que tem na ação concatenada dos meios de comunicação de massa um de seus principais potencializadores. Mais especificamente, a representação do Brasil como o “país do futebol” é o resultado de quase um século de ação discursiva sobre a ideia de que aquele time de futebol não apenas “simboliza” o povo brasileiro, mas de que aquele time é o povo brasileiro, “a pátria em calções e chuteiras”, na expressão de Nelson Rodrigues. Como já apontamos em vários outros textos (Gastaldo, 2002, Gastaldo e Guedes, 2006, Helal, 2001, Helal, Cabo e Silva, 2009) fundamentos importantes do que se acredita ser a “identidade brasileira” foram construídos ao longo do século XX pelo discurso da imprensa esportiva. Hoje em dia, é impossível descrever o que significa “ser brasileiro” sem fazer menção a fatos do mundo do futebol, como a participação popular nas Copas do Mundo, o pertencimento clubístico e o vasto sistema de alianças e restrições que

ele promove (ver, entre outros, Damo, 2002, Toledo, 1994, Helal e Cabo, 2014 e Guedes, 1998).

Stuart Hall argumenta que a identidade está profundamente envolvida no processo de representação, ou seja, qualquer mudança nos condicionantes da representação social dos indivíduos tem reflexo na identidade cultural daquele agrupamento. Mais que isso, que essas representações “quase sempre se apoiam nas tradições inventadas que ligam o passado e o presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes” (Hall, 1998: 72). A noção de representação refere-se basicamente à relação entre os sujeitos e o mundo. Segundo a perspectiva fenomenológica de Alfred Schütz (1962) e Ludwig Wittgenstein (1999), o conhecimento humano do mundo se dá pela via da “representação mental” decorrente da interpretação dos dados sensoriais, inerente a cada sujeito. O compartilhar dos significados do mundo entre os sujeitos, através da negociação de representações, pode ser considerado, neste sentido, o princípio elementar, formador de todas as mais diferentes culturas.

Na sociedade contemporânea, um poderoso elemento de proposição de representações sociais é o campo discursivo midiático. Jornalismo, publicidade e ficção (cinema, quadrinhos, séries, novelas...) oferecem incessantemente representações da sociedade, da masculinidade, do romance, do dinheiro, do trabalho, da sexualidade, da honra, do crime, da violência, etc. Estas representações, entretanto, dependem, para sua aceitação ampla, de encontrar ressonância com as representações mentais previamente existentes nos membros da “audiência”. Assim, não se trata de conceder ao discurso midiático um papel onipotente como “ditador” de representações, mas antes como um agente importante em um processo de interação: sem o reconhecimento pelo público, nem tudo o que é veiculado nas TVs,

rádios ou jornais entra para o repertório da cultura. Desta intrincada mediação, resulta a dinâmica da cultura contemporânea: a cultura, nesta perspectiva, é vista como um campo de lutas por um regime de representações sociais dominantes. Assim, por exemplo, em questões controversas como a legalização do aborto, a relação entre Estado e Religião, a descriminalização da maconha ou o casamento gay, ocorre no campo social uma batalha pelo significado, por parte de grupos de sociedade civil organizada, entrando cada grupo em disputa para ter seus significados reconhecidos como válidos ou legítimos. (Gastaldo, 2013)

No caso específico das representações da nacionalidade brasileira, a mediatização do futebol tem um espaço central, ao articular-se com a própria criação da indústria cultural no Brasil (Melo, 2016). Em nosso país, a chegada do futebol foi concomitante à chegada da impressora offset e à imprensa moderna, e a ampla popularização deste esporte deve muito à transmissão das partidas pelo rádio, a partir dos anos 1920 e pela televisão, a partir dos anos 1960. Assim, se no Brasil o futebol é hoje um dos principais elementos simbólicos da representação da nacionalidade, este vínculo não é natural ou evidente, ele foi historicamente construído ao longo do século XX pelo discurso da imprensa. Com o passar do tempo e com o avanço deste discurso, as origens do futebol no Brasil foram mitificadas, ‘heróis’ (Charles Miller, Friedenreich, Leônidas, Pelé, Garrincha...) e ‘vilões’ (Barbosa, Bigode, Valdir Peres, Dunga, Roberto Carlos...) foram criados, e todo um sistema mitológico cheio de nuances e complexidades (“o futebol-arte brasileiro”) foi apresentado como uma dádiva da natureza, como a expressão da cultura brasileira dentro de campo: a pátria em calções e chuteiras. Não por coincidência, os principais “mitólogos” desse sistema são jornalistas, como Nelson Rodrigues e seu irmão, Mário Rodrigues Filho, que teve seu nome atribuído ao Estádio Maracanã.

Apesar dos alertas de pesquisadores sobre a crescente fragilidade da seleção brasileira

como símbolo da nacionalidade em tempos recentes (Soares, Helal e Santoro, 2004), a vitória em duas Copas do Mundo das últimas seis edições (1994 e 2002) e o inigualado pentacampeonato mundial garantiram de alguma maneira a continuidade daquela representação. Na Copa de 2014, entretanto, a humilhante derrota por 7 x 1 contra a Alemanha em pleno território nacional ajudou a questionar frontalmente a representação dominante: afinal, que ‘país do futebol’ é esse? A partir desse jogo emblemático, o campo das representações sobre futebol e identidade nacional no Brasil sofreu uma importante rearticulação. De certa maneira, a pátria descalçou suas velhas chuteiras.

A Copa América Centenário foi a segunda competição internacional da seleção brasileira após a derrota na Copa do Mundo 2014. A contratação de Dunga como técnico após a Copa foi apresentada como uma aposta de “renovação” da equipe – embora Dunga já fosse um veterano com várias passagens pela seleção, como jogador e técnico.

Este dado de contexto é importante para situar o campo dos discursos sobre a seleção brasileira em 2016, uma equipe em busca de se mostrar à altura do mito construído para ela.

Sobre Método

Para este artigo, coletamos gravações em vídeo das partidas televisionadas da seleção brasileira na Copa América Centenário, e fizemos uma clipagem intensiva da imprensa nos dias anteriores e posteriores aos jogos, nos portais de notícias Terra e G1.

A partir desses discursos jornalísticos, elaboramos nossa análise de representações sociais, em termos das narrações e comentários pela televisão, bem como nas matérias que tratam das expectativas para cada jogo, quanto as que comentam o ocorrido no decorrer das partidas.

Em cada uma dessas peças de comunicação,

foram evidenciadas as categorias de representação dos jogadores brasileiros, da equipe como um todo, da torcida no local e no Brasil. Além disso, foram também examinadas as representações das equipes adversárias tanto como equipe de futebol (em termos estritamente táticos, técnicos ou físicos) quanto como representações de uma outra nacionalidade (no caso, equatorianos ou peruanos).

A apresentação de nossa análise foi feita por extenso, articulando os diferentes elementos representacionais presentes nestes discursos ao sentido comum de uma narrativa, onde estas categorias de representação ocupam seu lugar como partícipes na sustentação de uma representação mais ampla: a da seleção brasileira como metonímia da nação, tema que exploraremos a seguir.

Crônicas de uma derrota anunciada: um exercício de análise

a) Brasil x Equador: em busca da glória perdida.

Poucos dias antes da partida que marcaria a estreia da seleção brasileira na Copa América, diversos discursos da imprensa destacavam a qualidade do adversário, o Equador, então primeiro colocado nas eliminatórias da Copa do Mundo 2018. No portal G1, na véspera do jogo, uma matéria em um dos blogs do portal destacava que...

“...o primeiro adversário do Brasil na Copa América será o mesmo do primeiro jogo da sequência das eliminatórias para a Copa do Mundo: a forte seleção do Equador, que tem feito boas apresentações mostrando futebol leve e ofensivo.” (G1, Blog Completando a Jogada, por Marco Condez, 03/06/2016: “Padrão de jogo na Seleção Brasileira será sonho possível de se realizar?”)

O bom momento do selecionado equatoriano e a dificuldade que poderia apresentar ao selecionado brasileiro também foram

destacados pelo portal Terra, citando entrevista com o seu treinador:

Pelo lado do Equador, o técnico Gustavo Quinteros acredita que sua equipe tem todo o direito de sonhar com uma estreia vitoriosa.

“Sabemos que enfrentar a Seleção Brasileira nunca é fácil, mas nos credenciamos a conquistar um bom resultado pelo bom trabalho que estamos realizando nas Eliminatórias”, analisou o treinador argentino. (Terra, 03/06/2016, “Carregando traumas, Brasil estreia contra Equador na Copa América”)

A campanha equatoriana nas eliminatórias, somada ao respeito atribuído ao treinador levaram a uma série de matérias elogiando o adversário, inclusive utilizando palavras elogiosas do técnico brasileiro a seu colega argentino:

“O Equador está fazendo muitas coisas boas. Uma equipe que com o passar do tempo apreendeu a mentalidade de seu treinador, um jogo coletivo muito forte, jogadores concentrados no que querem e que jogam há muito tempo juntos, com alegria. Uma equipe com combate e com muita força” (Dunga, em entrevista ao portal Terra, 03/06/2016, “Dunga exalta Equador antes de estreia: ‘equipe muito equilibrada”)

A transmissão da estreia brasileira contra a seleção equatoriana na principal emissora de televisão aberta do país, a Rede Globo foi marcada inicialmente por uma expectativa positiva que se apoiava em uma estratégia de acionamento de memória da conquista do tetracampeonato mundial nos Estados Unidos em 1994.

As diversas referências ao Estádio Rose Bowl, onde o Brasil venceu a Copa 1994, a presença simbólica do porta-voz Galvão Bueno acompanhado de seu fiel escudeiro e especialista de arbitragem Arnaldo César Coelho, presentes 22 anos antes no “dia do tetra”, além do comando da equipe ser

exercido pelo capitão Dunga, que teve a honra de receber a taça vociferando contra tudo e todos nas tribunas daquela arena que é mais utilizada em espetáculos de futebol americano, fizeram parte de um processo de enquadramento de memória nos termos de Pollak (1989) que deveria influenciar na ressurreição do vitorioso futebol brasileiro.

O repórter de campo Mauro Naves, por exemplo, destaca com eloquência: “O retorno a Pasadena de Dunga, Gilmar e Taffarel”, todos jogadores que participaram da campanha vitoriosa do tetracampeonato e que se encontravam com cargos na comissão técnica da C.B.F (Confederação Brasileira de Futebol).

Ademais a própria presença de Ronaldo, o Fenômeno, entre os membros que integram a equipe de comentaristas globais representa uma ponte com um passado vitorioso miticamente associado ao tetra, quando o ex-jogador relata suas memórias quase adolescentes ao participar do grupo que conquistou o título em 1994.

Esse discurso positivo pautado por um olhar no passado é reforçado pelo locutor com a “redentora” informação contemporânea logo no início da transmissão: “É a primeira vez sem nenhum jogador do 7x1”. O mesmo fato é reiterado algumas vezes pelo locutor e demais membros da bancada responsável pelo “monopólio do fato”, termo utilizado por Bourdieu (1997, p.23) para se referir ao poder simbólico que a televisão tem na “formação de cabeças de uma parcela muito importante da população”. Outro exemplo é nova afirmação feita logo nos primeiros minutos⁴ pela “voz esportiva global”: “É um recomeço. Ninguém que participou do 7x1. A necessidade de começar bem. Um divisor de águas”.

Faz-se mister destacar que o atacante Neymar, que não havia participado da goleada perante

4 Uma curiosidade sobre o início da partida foi a homenagem feita com um minuto de silêncio pelo falecimento do lendário boxeador Muhammad Ali /Cassius Clay, fato que ensejou uma grande reverência dos membros da bancada e de muitos espectadores presentes.

os alemães, também não atuou no torneio em função de ter optado pela disputa das Olimpíadas no Rio de Janeiro, onde foi figura fundamental para a conquista da primeira medalha de ouro do país nessa modalidade.

Entretanto, ele esteve presente no estádio Rose Bowl, exercendo sua função midiática junto com outras celebridades como o ator Jammie Fox, o cantor Justin Bieber e o piloto de Fórmula 1 Lewis Hamilton refletindo narcisicamente sua imagem internacional. Sobre a ilustre presença, o comentarista Ronaldo afirmou sarcasticamente: “Vão dar uma voltinha hoje”.

No que concerne os aspectos técnicos/táticos da equipe, o principal locutor foi Walter Casagrande, talvez o comentarista mais comprometido com o jogo em si dentre os participantes da equipe que também tinha a presença de Luís Roberto, com sua boca escancarada de alegria e comentários politicamente corretos. O ex-centroavante começa entusiasmado com a equipe “Meio campo mais leve, mais habilidoso” devido à participação de jogadores como Casemiro, Philippe Coutinho, Elias e William. Casagrande afirma também que a “seleção está mais compactada de uma forma que não tinha desde 2007”.

Com relação aos adversários, a seleção equatoriana é vista com respeito, identificada como muito confiante e uma das melhores da História do país. O confronto das eliminatórias em setembro foi mencionado diversas vezes como uma verdadeira batalha que seria travada na altitude em Quito⁵.

O lance crucial da partida ocorreu aos 21 minutos da etapa complementar, quando os equatorianos marcaram um gol que foi anulado de forma equivocada pelo árbitro devido à sinalização do bandeirinha. Em

jogada pela esquerda, o atacante Bolños chutou sem ângulo e o goleiro brasileiro Alisson falhou, colocando a bola para dentro do próprio arco. O especialista em arbitragem acusou o erro imediatamente. Galvão Bueno chegou a afirmar num primeiro momento “Mas se atrapalhou todo o Alisson. Foi ele, bola e tudo para dentro do gol”. Em seguida, declarou que isto é comum e o novato arqueiro foi perdoado: “Isso acontece. Só toma gol desse jeito quem está no gol”. A sorte e o árbitro teriam salvo o Brasil e o jovem arqueiro.

Mas, de forma geral, o discurso sobre o desempenho da equipe foi contraditório, oscilando entre esperanças e críticas mesmo em um contexto de contundentes vaias após o término da partida e poucas finalizações de ambas as equipes.

Ronaldo Fenômeno, por exemplo, afirmou primeiramente que foi uma “boa atuação da seleção, só não chuta”, mas depois complementou “fica devendo”, “passa por um momento difícil a seleção e o futebol brasileiro”. Galvão Bueno concordou reiterando que teria faltado ousadia e que “duas finalizações é muito pouco para uma seleção brasileira”.

A transmissão praticamente terminou com a proclamação “Depois do 7x1, Nada!”

A esperança de uma redenção do estereotipado glorioso futebol brasileiro, inicialmente vislumbrada através de um enquadramento de memória da mítica conquista nos pênaltis após um distante empate sem gols contra a Itália em 1994, acaba se diluindo em incertezas e expectativas para as demais partidas da primeira fase da Copa Centenário. Um torneio midiático criado como junção de uma tradição histórica (campeonatos entre equipes do continente) e interesses econômicos e grupos políticos oriundos da espetacularização do futebol colocava em cheque a grandeza do futebol brasileiro e provavelmente frustrava os grandes patrocinadores da emissora: Banco Itaú, Casas Bahia, Johnson & Johnson e Coca-Cola.

5 Curiosamente a esperada “batalha” acabou marcando a estreia de um novo treinador no comando da seleção brasileira. Com o fracasso na Copa América Centenário e a eliminação precoce, Dunga foi substituído pelo ex-treinador do Corinthians que em sua primeira partida conseguiu uma vitória surpreendente sobre os equatorianos por 3x0.



b) Brasil x Haiti ou “O escárnio do destino”.

A análise da segunda partida da seleção brasileira na competição através das lentes globais acaba sendo marcada pela utilização do espaço televisivo como um lugar de exibição narcísica conforme termo proposto por Bourdieu (1997, p.17), além da infeliz coincidência do resultado final.

A bancada de “experts” inicialmente se dedicou a rememorar o papel que o país e a seleção brasileira teriam com sua suposta ajuda humanitária à miserável nação situada na América Central e que possui uma importante História⁶. A lembrança do “jogo da paz” realizado em 2004, no qual estiveram presentes os comentaristas/ex-atletas Ronaldo Fenômeno e o convidado Roger Flores é o principal elemento de mobilização simbólica da partida contra a frágil equipe haitiana.

Imagens da presença popular acompanhando a seleção durante a visita, dos gols e jogadas vistosas da partida, a suposta integração e confraternização de jogadores, militares e o sofrido povo haitiano em Porto Príncipe são veiculadas ostensivamente em meio a

diversos comentários pueris e magnânimos de ambos os atletas.

Ademais, a presença como convidado especial do apresentador Luciano Huck em função de uma viagem ao país para fazer reportagens sobre a vida dos militares brasileiros, enseja uma perspectiva de falsa dramaticidade política à partida, visto que o mesmo teria feito afirmações polêmicas sobre sua estadia como: “Depois do que vi no Haiti, acho que a humanidade não deu certo”⁷. A celebridade global recebeu diversas críticas às suas matérias e declarações, inclusive de imigrantes residentes e autoridades do país⁸.

Pode-se perceber a utilização da “santíssima bancada” para a autopromoção dos componentes que relatam suas experiências pessoais no castigado país como se a ostensiva miséria registrada na pobre nação da América Central também não acontecesse em algumas regiões do nosso país.

Obviamente que não estamos querendo negar a enorme diferença contemporânea socioeconômica de ambos os países, talvez proporcional ao abismo existente na história do futebol de ambas as nações, mas a

6 O Haiti foi uma exceção no processo de independência das antigas colônias na América pois conquistou sua independência com uma rebelião de ex-escravos e membros das camadas populares, comandadas por um ex-escravo negro Toussaint Louverture.

7 Fonte: <http://oglobo.globo.com/mundo/depois-do-que-vi-acho-que-humanidade-nao-deu-certo-diz-luciano-huck-sobre-haiti-19444700>

8 Fonte: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/06/haitianos-rechacam-comentarios-de-luciano-huck-e-da-tv-globo.html>

retórica do espanto com a miséria, do olhar para o “coitadinho” e do protetor militar brasileiro nos pareceu exagerada e muitas vezes hipócrita durante a transmissão como, por exemplo, em exaltação feita ao “poder da miséria” dos haitianos.

Com relação aos aspectos técnicos da partida o que nos parece efetivamente relevante neste jogo foi o resultado final. Tal qual “escárnio do destino”, a colossal diferença técnica entre a equipe brasileira e os esforçados haitianos acabou sendo materializada em uma incômoda goleada por 7x1.

A despeito de algumas boas atuações individuais como a de Philippe Coutinho e Renato Augusto e novidades como a participação de “Gabigol” e Lucas Lima, o que acabou ficando registrado mesmo foi o reflexo psicológico do mais recente fantasma do futebol brasileiro. Seria preciso parabenizar a seleção brasileira por uma incontestável goleada sobre uma fraca seleção nacional, mas parece que a equação feita após a transmissão na TV Globo e em diversas redes sociais foi: o Brasil está para o Haiti assim como a Alemanha está para o Brasil no futebol contemporâneo, ou como afirmou um meme veiculado à época: “Nós somos o Haiti para a Alemanha”.

Galvão Bueno finalizou com uma piada sobre o 7 x 1 e aventou a ideia que talvez fosse melhor que o último gol não tivesse sido marcado. Parafraseando a música de Caetano Veloso teria permanecido para a última partida da primeira fase uma dúvida sobre a “pátria de chuteiras”: “O Haiti é ou não é aqui?”.

c) Brasil x Peru: “uma vergonha”

Na última partida da primeira fase da Copa América 2016 organizada para celebrar o Centenário do torneio nos Estados Unidos, a seleção brasileira, apesar de certa desconfiança generalizada em função do espectral 7 x 1 contra a Alemanha dois anos antes, era considerada favorita e necessitava

apenas de um empate para seguir na competição. Curiosamente, a equipe tinha aplicado na partida anterior uma goleada pelo mesmo emblemático placar contra a frágil equipe do Haiti. Este fato que gerou entre alguns jornalistas esportivos ou “senhores da memória”, como caracterizou muito bem Jacques Le Goff (1984), um leve sopro de esperança na redenção futebolística do suposto estilo nacional, serviu muito mais para a proliferação de piadas nas redes sociais do que propriamente em uma retomada da confiança na seleção nacional, comandada pelo técnico Dunga desde o fiasco do mundial realizado no país em 2014.

Ao contrário do Equador, que à época da competição apresentava um bom retrospecto recente, tanto em jogos contra o Brasil quanto nas eliminatórias da Copa do Mundo, a seleção peruana não tinha essas credenciais. Assim, a história amplamente favorável ao selecionado brasileiro foi evocada para amparar o discurso de favoritismo prévio ao confronto:

É preciso recorrer ao Google para descobrir quando foi a última vitória do Peru sobre o Brasil, resultado necessário para os peruanos se classificarem às quartas de final da Copa América Centenário sem depender do Equador e, de quebra, eliminar a pesada camisa amarela. Os dois se enfrentam neste domingo, em Foxborough, mais de duas décadas depois que Julio César Uribe calou o Mané Garrincha com o gol único no amistoso, disputado em 27 de abril de 1985. (...) O problema do Peru é que, por mais que reconheça virtudes e defeitos do Brasil, na prática os resultados são os mesmos. Desde aquele 1 a 0 em 1985 (com Careca, Casagrande, Alemão, Branco, Mozer, Bebeto e Éder em campo), houve 16 confrontos, entre amistosos, Copas Américas e eliminatórias. A Seleção venceu dez (as últimas três seguidas), com seis empates. Foram 33 gols a favor e apenas seis contra. Guerrero, por exemplo, ainda não teve esse gostinho. E, se o histórico pesar, ficará a ver navios mais uma vez. (Portal G1, 11/06/2016, por Victor Canedo: “Nem na memória: só sete atletas viram a

última vitória do Peru sobre o Brasil”)

O desprezo ao oponente como equipe foi atenuado pela menção aos jogadores peruanos que atuam ou atuaram no futebol brasileiro, particularmente o atacante Paolo Guerrero, que havia jogado pelo Corinthians e, na ocasião, atuava pelo Flamengo. Pelas circunstâncias do torneio, o Brasil se classificaria com um empate, fazendo com que o confronto fosse aventado como uma partida fácil, com favoritismo brasileiro.

Analisando o discurso da transmissão da partida pela principal rede de televisão aberta, a Rede Globo, foi possível constatar diversas questões no que diz respeito a uma lógica narrativa que se enquadra em muitos conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu em seu clássico ensaio *Sobre a televisão* (1997). Desde a tradicional bancada dos especialistas “fast-thinkers, os especialistas do pensamento arremessável”, Arnaldo César Coelho, Walter Casagrande e Ronaldo “Fenômeno”, passando pela homogeneidade dos comentários que reproduzem a “circulação circular de informação” até o desfecho apocalíptico que acaba dramatizado pelo narrador/porta-voz do público Galvão Bueno é possível identificar “contradições e tensões” na narrativa deste colegiado que constantemente se apresenta como legitimador simbólico do genuíno futebol brasileiro.

A esperança nas mudanças táticas da equipe foi exaltada por todos os componentes especialmente os “ex-jogadores” durante o primeiro tempo. A bancada apontou que o “time está leve, ofensivo, um novo Brasil”. O porta-voz bradou “Eu tô gostando do jogo!”, Ronaldo Fenômeno afirma “O time é outro, Galvão”. Sobre o adversário são feitas breves observações táticas e técnicas, com ênfase na preocupação com o centroavante Paolo Guerrero, jogador do Flamengo e artilheiro das duas edições anteriores do torneio. Destaque para uma observação feita pelo narrador Galvão que apresentou um estereótipo, segundo o qual “Peruanos sempre tiveram um futebol de habilidade e

nunca tiveram muita marcação”.

Talvez esta afirmação possa ser associada ao futebol praticado pela principal geração do país que disputou as Copas de 1970, 78 e 82 e tinha craques como Cubillas, Chunpitz, Cueto, Muñante, mas percebe-se uma generalização comum nas narrações televisivas e no discurso das representações no âmbito esportivo que inclusive entra em contradição com outra observação do mesmo narrador que alega que os peruanos estavam sendo desleais e catimbando⁹ bastante durante a primeira etapa.

O segundo tempo iniciou com mais dificuldades para a equipe brasileira mesmo com a continuidade da retórica da leveza da seleção. Casagrande, por exemplo, aprovou a postura do técnico Dunga: “Fez o que todos queriam. Time mais leve”. Entretanto, a suposta leveza brasileira não se traduziu em gol e os peruanos, que voltaram melhor taticamente, eram perigosos nos contra-ataques. Aos 29 minutos ocorreu o lance crucial da partida. Após cruzamento pela esquerda, o atacante Ruidiaz completou com a mão na pequena área: 1 x 0 para o Peru.

O lance foi muito rápido e a estupefação entre os membros da bancada global foi grande. A primeira reação do locutor denota tensão e incerteza. “Tudo leva a crer que foi com a mão. Tô na dúvida”.

Paralela à confirmação da irregularidade pelo atleta após análise de várias câmeras e enquadramentos de replay no estúdio, a confusão se estendeu pelo campo, pois o árbitro uruguaio decidiu consultar os auxiliares em um verdadeiro colóquio, que durou infinitos segundos. A demora na decisão que validava o gol peruano causou indignação. O especialista da emissora para questões de arbitragem afirmou de forma

9 O termo “catimba” refere-se a uma atitude maliciosa e sutilmente desleal de um jogador em campo, ao realizar ações visando retardar o fluxo de uma partida, como atrasar deliberadamente a reposição de bola, dramatizar o efeito de um choque com um adversário, permanecendo mais tempo caído, exigindo remoção por maca, etc.

ostensiva “Uma vergonha. Tanta conversa para se marcar um gol”. Nem mesmo as lembranças aos gols de Maradona no mundial de 1986 e de Túlio ajeitando com a mão contra a Argentina na Copa América de 1995 contiveram a insatisfação do narrador: “O que ninguém acreditava! Todo mundo dando como certo Brasil x Colômbia!”

A insatisfação cedeu espaço a uma contradição indignação contra a C.B.F e seus gestores. Até o presente momento, apenas uma referência negativa tinha sido feita de forma irônica ainda no primeiro tempo à ausência do presidente da entidade na competição por Galvão Bueno: “Já que o Marco Polo del Nero não viaja”. É de conhecimento público que o dirigente brasileiro não acompanhou a delegação alegando problemas pessoais, mas provavelmente temia pelos desdobramentos das investigações dos escândalos na FIFA. Neste sentido, curiosamente, após o gol peruano, as críticas da bancada da Rede Globo, publicamente uma parceira econômica com grandes vínculos com a instituição que comanda o futebol no país mencionaram o conturbado contexto político em que se encontrava a entidade. Até o garoto/prodígio/propaganda Ronaldo Fenômeno afirmou categoricamente: “Isso é um reflexo político, falta de influência na Conmebol. Perdeu local de treinamento para o Equador” menosprezando a equipe que até então estava bem a frente do Brasil nas eliminatórias sul-americanas.

O narrador complementou que é um reflexo da perda de “representatividade política” do país e, com o fim da partida e a eliminação precoce, bradou: “Um dos maiores vexames do futebol brasileiro”. “Será que a comissão técnica vai resistir?” “Os dirigentes que resolvam o destino do futebol brasileiro”. A responsabilidade pelo fiasco passa a ser exclusiva dos parceiros políticos tão bajulados e protegidos tanto na emissora aberta quanto no canal fechado do conglomerado em diversas ocasiões passadas e também durante mais uma crise política da instituição que monopoliza um dos maiores

símbolos da cultura nacional. O coração dos brasileiros pode até estar cansado de uma paixão cega, a “pátria de chuteiras” pode ser questionada, como importantes intelectuais contemporâneos fazem atualmente, mas o fato é que a seleção ainda mobiliza inefáveis recursos econômicos e anímicos de milhões de pessoas.

O técnico Dunga, outrora capitão do tetra, referência de solidez e determinação desmanchou no ar. A leveza proposta em sua última partida à frente do selecionado nacional acabou sendo insustentável. Com requintes de crueldade, em uma jogada ilegalmente dionisíaca, Dunga, talvez o representante mais apolíneo dos vitoriosos jogadores da seleção brasileira ao longo da História sucumbiu.

A transmissão neste dia não teve o tradicional debate pós-jogo. Galvão fez menção a próxima corrida de Fórmula 1 e proclamou “Obrigado pelo carinho, pela audiência”. “Rede Globo, sempre com você”. Não mais com o Dunga.

Considerações Finais

A Copa América Centenário, competição histórica que celebrou os 100 anos do mais antigo torneio de futebol entre seleções nacionais de todo o mundo ainda a ser disputada, representou uma oportunidade importante para a reconstrução das narrativas sobre o selecionado brasileiro de futebol e a crise pela qual tem passado desde a humilhante derrota na Copa de 2014. Sendo realizada nos Estados Unidos, a competição seria uma ocasião ideal, tanto para “virar a página” do fracasso quanto pela “vitrine” (pela exibição midiática mundial) para fazer negócios de compra e venda de jogadores e direitos de transmissão. O novo fracasso – designado pela imprensa como “vergonha”, “vexame” e “fiasco” - não permitiu que nem um, nem outro dos objetivos fossem atingidos. Pelo contrário, a eliminação precoce aprofundou a crise da seleção brasileira, que,

antes mesmo do final da competição, tomou a decisão de sempre: demitiu – mais uma vez – o técnico Dunga.

Pela análise dos discursos e narrativas da imprensa escrita e televisionada, percebe-se o interesse claro em “promover a audiência”, em despertar um sentimento – que se projeta idealmente como “coletivo” – de favoritismo e de confiança na vitória. Para isso, foram empregados recursos retóricos como a alusão ao passado como fiador do futuro, no caso do jogo contra o Peru e o Haiti, ou mesmo a prática defensiva (Goffman, 1998) de reconhecimento prévio do valor do adversário, no caso do Equador. Esse alegado respeito foi assegurado pelo fato de a equipe equatoriana ter supostamente, ao longo do tempo “apreendido a mentalidade de seu treinador”, o argentino Gustavo Quinteros. No louvor da individualidade de alguns dos adversários, em que sempre são destacados os que jogam nos campeonatos europeus, ocorre o silenciamento quanto a seu jogo de equipe. A exceção, o Equador, traz como fiadores os fatos de sua excelente campanha nas eliminatórias da Copa 2018 (na ocasião, o Brasil estava em sexto lugar) e o fato de seu treinador ser argentino: por sua influência, ao longo do tempo, o Equador havia se tornado (aprendido a ser) uma equipe “forte”.

Finda a competição, com mais um vexame internacional, o futebol brasileiro enfrentou uma nova competição em território nacional, os Jogos Olímpicos de 2016. Nem a vitória na final, nem o inédito ouro olímpico conseguiram apagar o desencanto. O mito da seleção brasileira tornou-se maior do que qualquer coisa que meros jogadores vestidos de amarelo possam fazer para estar à altura do que se espera dela. O trabalho midiático de reconstrução de uma imagem positiva para o selecionado nacional foi intenso. Mas em vão. A Copa América Centenário não foi uma pá de cal para o símbolo representado pela seleção, mas consolidou a trajetória de desconstrução de um elemento que já foi um poderoso emblema de identidade nacional. Hoje, as atuações da seleção brasileira servem

como mote para infinitos memes satíricos.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
- DAMO, Arlei. *Futebol e identidades sociais*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- GASTALDO, Édison. *Pátria, chuteiras e propaganda – o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: AnnaBlume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.
- GASTALDO, Édison. *Publicidade e sociedade: uma perspectiva antropológica*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni L. *Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GUEDES, S. L. *O Brasil no Campo de Futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- HALL, Stuart. *Representation: social representations and signifying practices*. London: Sage, 1998.
- HELAL, Ronaldo. “Mídia, construção da derrota e o mito do herói” in: HELAL, R., SOARES, A. J. e LOVISOLO, H. *A Invenção do País do Futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HELAL, Ronaldo, CABO, Alvaro (orgs). *Copas do Mundo: Comunicação e Identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.
- HELAL, Ronaldo, CABO, Alvaro e SILVA, Carmelo. “Pra Frente Brasil! Comunicação e Identidade Brasileira em Copas do Mundo”. *Esporte e Sociedade*, ano 5, número 13, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994
- MELO, Victor A. O esporte: uma diversão no rio de janeiro do século XIX. In: *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 2, 2016.

POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio". In *Estudos Históricos*, vol 3. FGV/CPDOC, 1989.

SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1962.

SOARES, Antonio, J., HELAL, Ronaldo e SANTORO, Marco. "Futebol, Imprensa e Memória" in: *Revista Fronteiras*. Vol 6, n.1, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

TOLEDO, Luiz H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas: Autores Associados, 1994.

